

O infinito

Retrato do Artista Quando Jovem, James Joyce. Tradução de Alfredo Margarido. Coleção dois Mundos (pg 136-137).

“A última, a suprema tortura entre todas as torturas desse lugar horroroso, é a eternidade do inferno. Eternidade! Ó terrível e medonha palavra! Eternidade! Que espírito humano poderá compreender-lhe o sentido? E, compreendei-o bem, uma eternidade de penas. Mesmo que as penas do inferno não fossem tão terríveis como são, tornar-se-iam infinitas, visto estarem destinadas a durarem sempre. Mas à sua perpetuidade acrescenta-se, como sabeis, a sua intensidade intolerável, a sua extrema intensão. Suportar apenas o aguilhão de um insecto durante toda a eternidade seria um tormento crudelíssimo. O que não será, pois, suportar eternamente as múltiplas formas da tortura infernal? Para todo o sempre! Durante toda a eternidade! Não durante um ano, nem durante um século, mas eternamente. Tentai avaliar o terrível sentido desta palavra. Muitas vezes observastes já a areia da praia. Como são finos esses diminutos grãosinhos. E como são necessários muitos destes diminutos grãosinhos, para encher a pequenina mão de uma criança que brinca com eles! Imaginai agora uma montanha dessa areia, com a altura de um milhão de milhas, elevando-se da terra ao mais alto dos céus; e com uma largura de um milhão de milhas, ocupando os espaços mais remotos; e com um milhão de milhas de extensão; e imaginai uma tão enorme massa de inumeráveis partículas de areia multiplicada pelo número de folhas da floresta, pelas gotas de água do imenso oceano, pelas plumas dos pássaros, pelas escamas dos peixes, pelos pêlos dos animais, pelos átomos da vasta extensão do ar; e imaginai que no fim de cada milhão de anos um passarinho passa por essa montanha e leva no seu bico um insignificante grão de areia. Quantos milhões e milhões de séculos transcorrerão antes que esse passarinho tenha tirado um único palmo quadrado dessa montanha, quantas infinidades de séculos antes que a tenha tirado toda? E contudo, mesmo no fim desse imenso período, não se poderia dizer que tenha decorrido um único instante da eternidade. Ao fim desses bilhões de triliões de anos, a eternidade mal terá começado. E se, depois de ter sido removida dali, essa montanha surgisse novamente, se o pássaro voltasse e carregasse tudo, grão após grão; e se ela surgisse e desaparecesse assim tantas vezes como as estrelas do céu, os átomos no ar, as gotas de água no mar, as folhas das árvores, as plumas nos pássaros, as escamas nos peixes, os pêlos nos animais, depois de todas essas inumeráveis ressurreições e desaparecimentos dessa montanha incomensurável, não se poderia dizer que tivesse decorrido um único instante da eternidade; e mesmo então, depois de um tal lapso de tempo, depois dessa infinidade de séculos cujo só pensamento faz o nosso cérebro sossobrar de vertigem, a eternidade estaria apenas a principiar.”